

# A monstruosidade de Lilith

Maria Isabel de Matos Andrade

Mestre em Letras: Teoria da Literatura / UFMG

## RESUMO

Foi realizado um panorama do relato de Lilith segundo a teoria de Jeffrey Jerome Cohen, tanto no âmbito lendário como em desdobramentos artísticos dos quais ela faz parte. O recorte escolhido para este estudo faz parte das obras de Jorge Luis Borges, Dante Gabriel Rossetti e Primo Levi, além de textos da tradição judaica.

## PALAVRAS-CHAVE

Lilith, monstruosidade, Judaísmo

Neste ensaio, será abordado o caráter monstruoso de Lilith segundo a teoria sobre a monstruosidade desenvolvida por Jeffrey Jerome Cohen. O autor denomina a sua proposta como um novo *modus legendi* dos monstros, por intermédio do qual é estabelecida uma ligação entre a figura monstruosa e a cultura em que ela foi criada. Segundo a abordagem de Cohen, monstro e cultura são considerados em conjunto, em uma espécie de retro alimentação, com aspectos mutuamente dependentes. Nesse sentido, seu estudo extrapola a ideia de enumeração ou classificação, usada de modo recorrente no estudo da monstruosidade, como por exemplo, no livro de Gonçalo Junior, *Enciclopedia dos monstros*,<sup>1</sup> no qual os monstros são divididos em grupos de acordo com as características que compartilham.

Cohen fundamenta essa nova forma de se focar o estudo dos monstros a partir do estabelecimento de sete teses, assim definidas por ele: “o corpo do monstro é um corpo cultural”; “o monstro sempre escapa”; “o monstro é o arauto da crise de categorias”; “o monstro mora nos portões da diferença”; “o monstro policia as fronteiras do possível”; “o medo do monstro é realmente uma espécie de desejo”; “o monstro está no limiar do... tornar-se”.

A primeira tese afirma ser cultural o corpo do monstro.<sup>2</sup> Isso significa que, na sua constituição, seus traços não foram escolhidos e agrupados aleatoriamente, mas, ao contrário, se organizam de modo a corporificar aspectos de seu momento de criação. Exemplo clássico dessa

---

<sup>1</sup> JUNIOR. *Enciclopédia dos monstros*: o perfil das criaturas mais assustadoras de todos os tempos.

<sup>2</sup> COHEN. *A cultura dos monstros*: sete teses, p. 26.

ideia seria o vampiro, que aparece em inúmeros locais e períodos, com particularidades que, analisadas, revelam muito sobre cada contexto de criação.

Considerada a possibilidade do seu retorno e adaptação a cada momento, há que se pensar que a sua extinção não será eterna, sendo, no máximo, duradoura. O monstro, quando exterminado, não o é de modo definitivo. Ele está sempre à espreita, aguardando um novo contexto ou necessidade que justifique a sua volta. Nesse aspecto, reside a tese de número dois, segundo a qual “o monstro sempre escapa”.<sup>3</sup> Relacionada intrinsecamente à anterior, essa tese afirma o monstro como uma figura escorregadia, que carrega em si a possibilidade constante de retornar, ainda que tenha esboçado uma finalização aparentemente definitiva após o seu advento.

Sendo impossível determinar o seu ponto final e, além disso, se abrindo a tantos contextos e possibilidades, é esperado que seja difícil prender o monstro em categorias estritamente definidas. A terceira tese anuncia o monstro como um “arauto da crise de categorias”.<sup>4</sup> Como fechar em uma classificação uma figura que, a qualquer momento, esvai-se em fumaça e retorna de modo diverso? O monstro, nessa perspectiva, coloca em xeque a tentativa recorrente de uma classificação que Cohen analisa como uma herança da “lógica bifurcante herdada do cartesianismo”. Assim, o monstro se aproximaria do conceito de suplemento de Derrida, algo como “isto e / ou aquilo”, em detrimento do usual “isto ou aquilo”.<sup>5</sup>

Nas teses de número 4 e 5, afirma-se, respectivamente, que “o monstro mora nos portões da diferença”<sup>6</sup> e que “polícia as fronteiras do possível”.<sup>7</sup> O monstro se cria dentro da cultura e não de forma alheia e separada dela, determinando, desse modo, os limites dessa mesma cultura, ao fincar as fronteiras até onde se pode ir. Ele não seria, pois, uma criação externa que ameaça a integridade do local que porventura invade, mas um construto interno, que desafia as suas próprias leis. Nesse sentido, é válido lembrar o conceito de alteridade como Platão o considerava. O filósofo relacionava, na afirmação da identidade, o “auto”, ou sujeito, e “hetero”, ou outro. Seria necessária, segundo ele, a relativização do “eu” para que se afirmasse a sua própria identidade, sendo esse papel exercido pelas monstruosidades.<sup>8</sup> Assim, o monstro auxilia na afirmação da identidade e coesão sociais, justamente por ameaçá-la.

A sexta tese diz respeito ao caráter ambíguo do monstro, afirmando que “o medo do

---

<sup>3</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p.27.

<sup>4</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p.30.

<sup>5</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p.32.

<sup>6</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p.32.

<sup>7</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p.40.

<sup>8</sup> KEARNEY. *Strangers, gods, and monsters: interpreting otherness*, p. 67.

monstro é realmente uma espécie de desejo”.<sup>9</sup> Logo, atração e repulsa andariam de mãos dadas, como usualmente ocorre diante dos filmes de terror. Sabe-se do risco representado pelo monstro, mas, ao mesmo tempo, deseja-se testar até onde se pode ir e, ainda assim, sair ileso dessa experiência. Cohen se refere a essa sensação como uma espécie de “prazer escapista” vivido desde que saibamos que, no minuto desejado, a luz do cinema irá se acender, ou o livro poderá ser fechado, retornando tudo à sua organização usual. O monstro, como alteridade em várias de suas manifestações, apontaria para experiências de diferença que alguns gostariam de ter a chance de viver, mas que não lhes é permitido. Assim, vive-se a vida do monstro, enquanto convém, desfazendo-se de sua carcaça assim que a aventura se torna perigosa demais.

Por último, a tese de número 7 afirma que “o monstro está no limiar do tornar-se...”.<sup>10</sup> De acordo com ela, o monstro nos “pergunta por que o criamos”<sup>11</sup> e, assim, nos leva a refletir sobre a formação da nossa própria sociedade. A última tese atribui à constituição do monstro uma total falta de ingenuidade, reservando a ele um local de questionamentos, que, por sua própria natureza, ajuda a constituir o monstro como alvo de repulsa. Perigoso por mostrar limites, repulsivo por corporificar a extrapolação destes, o monstro descrito sob a ótica de Cohen carrega em si a sua dupla origem etimológica, nos assustando e, ao mesmo tempo, indicando diversas direções.<sup>12</sup>

Ao tratar da tese de número quatro, Cohen classifica Lilith como uma figura monstruosa no âmbito da alteridade sexual e da extrapolação dos limites eventualmente impostos pelo gênero, como pode ser verificado pelo trecho a seguir:

A mulher que ultrapassa as fronteiras de seu papel de gênero arrisca tornar-se uma Scylla, uma Weird Sister, uma Lilith (– die erste Eva, – la mère obscure), uma Bertha Mason, ou uma Gorgon. A identidade sexual – desviante está igualmente sujeita ao processo de sua transformação em monstro.<sup>13</sup>

Cohen, então, atribui a monstruosidade de Lilith ao seu caráter transgressor no âmbito do desvio sexual, cuja concretização torna a mulher uma Lilith, ou seja, um monstro que carrega em si a característica de não se enquadrar nos moldes e parâmetros de sua sociedade. Lilith seria, então, monstruosa sob esse aspecto devido à alteridade sexual que ela representa.

As pontuações elencadas neste ensaio tiveram como foco a verificação da existência ou não do caráter monstruoso de Lilith em trechos escolhidos de acordo com a tese de número quatro e também com as outras teses de Cohen. Foi realizada a leitura de textos selecionados da obra de

---

<sup>9</sup> COHEN A cultura dos monstros: sete teses, p. 48.

<sup>10</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p. 54.

<sup>11</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p. 55

<sup>12</sup> BRUNEL. *Dicionário de mitos literários*.

<sup>13</sup> COHEN. A cultura dos monstros: sete teses, p. 35.

Jorge Luis Borges, Dante Gabriel Rossetti e Primo Levi. A escolha privilegiou o surgimento de Lilith em contextos muito diversos, considerando-se os locais e momentos de produção de cada artista. Em relação a Borges, foi analisado o verbete “Lilith”, presente em *O livro dos seres imaginários*.<sup>14</sup> De Rossetti, analisou-se dois poemas: “Eden Bower”<sup>15</sup> e “Lilith: para uma pintura”,<sup>16</sup> além do seu quadro Lilith<sup>17</sup> e, finalmente, em Primo Levi, foi realizada a análise do conto “Lilith”, parte constituinte do livro *71 contos de Primo Levi*.<sup>18</sup>

Lilith é conhecida como a primeira mulher a ter sido criada em textos da tradição judaica, como o *Zohar*,<sup>19</sup> o *Talmud*<sup>20</sup> e o *Alfabeto de ben Sira*.<sup>21</sup> Ela se faz presente, também, em algumas traduções da Bíblia,<sup>22</sup> no Livro de Isaías, quando é descrito o seu exílio no deserto acompanhada de animais selvagens.<sup>23</sup> Nesses registros, o mito de Lilith aparece como uma tentativa de sanar o que se considera uma lacuna na narrativa do Gênesis, já que se afirmam, em vários estudos, dois momentos diversos da criação da mulher, em seus capítulos 2 e 3. O primeiro, em paridade e igualdade com o homem e, o segundo, como é narrado oficialmente, quando retirada da costela de Adão, após o Criador ter se compadecido diante da suposta solidão do primeiro homem. Assim, a sua origem conecta-se com características como rebeldia e vingança, recorrentes, também, nos desdobramentos artísticos dos quais faz parte. Entretanto, alguns teóricos tentam explicar essa possível lacuna de outras maneiras. Robin Lane Fox, por exemplo, tem como objetivo o estudo de inúmeros livros da Bíblia com uma abordagem histórica, fazendo, segundo afirma o próprio autor, uma “desmistificação” de seus relatos. Como uma espécie de contraponto à leitura lendária da lacuna do Gênesis, esse autor afirma como causa à incongruência na narrativa bíblica a existência de dois autores distintos e não um sentido oculto do texto.<sup>24</sup>

Neste trabalho, a leitura concentrou-se apenas em partes das obras já mencionadas. Na análise do texto de Borges, foram de extrema validade as teorias de Todorov,<sup>25</sup> Bachelard,<sup>26</sup> Gilbert

---

<sup>14</sup> BORGES; GUERRERO. *O livro dos seres imaginários*.

<sup>15</sup> ROSSETTI. *Poems & translations, 1850-1870*: together with the prose story “Hand and soul”.

<sup>16</sup> ROSSETTI. *Poems & translations, 1850-1870*: together with the prose story “Hand and soul”.

<sup>17</sup> ROSSETTI. *Lady Lilith*.

<sup>18</sup> LEVI. *71 contos de Primo Levi*.

<sup>19</sup> SPERLING; SIMON; LEVERTOFF. *The Zohar*.

<sup>20</sup> KOLTUV. *O livro de Lilith*.

<sup>21</sup> KOLTUV. *O livro de Lilith*.

<sup>22</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM.

<sup>23</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, cap. 14, p. 1.306.

<sup>24</sup> FOX. *Bíblia: verdade e ficção*, p. 19.

<sup>25</sup> TODOROV. *Introdução à literatura fantástica*.

<sup>26</sup> PERRONE. *A imaginação criadora: Jung e Bachelard*.

Durand<sup>27</sup> e Lyslei Nascimento,<sup>28</sup> já que é, para nós, de suma importância, na análise de um verbete borgiano, o estudo do conceito de imaginação e do seu papel na sociedade ocidental. Nascimento, em “Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros”, lembra que o próprio Borges chama a atenção para o termo “seres imaginários” no prólogo ao seu livro. Considerando a possibilidade de inclusão de seres fictícios, elementos da geometria, de nós mesmos e do próprio universo dentro desse conceito, determina uma impossibilidade à sua própria listagem: como afirma Nascimento, o livro seria incompleto e, ao mesmo tempo, infinito, sendo, justamente devido a essa duplicidade, monstruoso, assim como cada uma das criaturas que o habitam.<sup>29</sup>

Durand e Bachelard discorrem sobre o papel que vem sendo desempenhado pela imaginação na cultura ocidental. Segundo Bachelard, a constituição do modelo cartesiano rechaça a imaginação, garantindo a ela a margem, uma não confiabilidade em tudo que não provém do raciocínio lógico e estritamente racional. Bachelard, então, propõe o conceito de imaginação criadora, que, ao contrário da puramente reprodutora, seria agente, ativa, passível de obter construtos que teriam validade pela capacidade de ultrapassar a mera reprodução de ideias e imagens.<sup>30</sup>

Trilhando o mesmo caminho, Durand afirma que a imaginação simbólica, conceito desenvolvido por ele, é carregada de valor funcional, sendo o principal, segundo ele, o de desafiar a certeza do fim, como um mecanismo de eufemização capaz de amenizar a existência humana.<sup>31</sup> Durand e Bachelard reiteram, cada um a seu modo, a necessidade de afirmação do valor funcional da imaginação.

Quando se trata de seres imaginários, é relevante a teoria de Todorov, que se dedicou a estabelecer uma análise dos conceitos de realidade, imaginário e fantástico, cuja contribuição auxiliou no estudo da obra borgiana. Segundo o teórico, a fronteira entre o real e o imaginário constitui o fantástico, este, por sua vez, concretizado por causar uma hesitação no leitor: deve afirmar-se como dúvida, assim como Borges o fez no prólogo ao seu livro. Assim, como fantásticos e imaginários, os seres de Borges constituem-se, sendo Lilith um deles.

No verbete com o seu nome, Lilith é descrita, a princípio, como a primeira mulher de Adão. A partir daí, Borges a insere em uma atmosfera volátil, citando, inclusive, parte da obra de Dante Gabriel Rossetti, da qual Lilith faz parte, a saber, o soneto Eden Bower. Em uma suposta tentativa de definição, vários termos são destinados a ela, compondo um campo semântico rico e variado com definições diversas como mulher, anjo, demônio e serpente.

---

<sup>27</sup> DURAND. *La imaginación simbólica*.

<sup>28</sup> NASCIMENTO. *Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros*.

<sup>29</sup> NASCIMENTO. *Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros*, p. 71.

<sup>30</sup> PERRONE. *A imaginação criadora: Jung e Bachelard*, p. 3.

<sup>31</sup> DURAND. *La imaginación simbólica*, p. 125-126.

O recorte da obra de Dante Gabriel Rossetti analisado constituiu-se de uma obra plástica e duas literárias. O poema “Lilith: para uma pintura” foi escrito para o quadro intitulado *Lady Lilith*, seguindo a prática de Rossetti, que escrevera poemas destinados a parte de seus quadros. Ambos afirmam que Lilith é como uma mulher sedutora, que utiliza o mistério e elementos relacionados a ele para trazer para perto de si o homem escolhido. Destinam a Lilith um papel fatal, em um jogo ambíguo de atração e repulsa. Além disso, os elementos escolhidos pelo artista pré-rafaelista na composição de seu quadro dizem muito sobre a imagem de Lilith no contexto da produção de sua obra: suas roupas destoam muito daquelas adotadas no período vitoriano, pelas cores claras, tecido suave e, acima de tudo, pelo decote que deixa parte do seu colo à mostra, confrontando a vestimenta recatada, usual no período vitoriano. Esse aspecto, aliado ao ambiente de mistério em que Lilith se encontra, auxilia na composição de sua imagem.

O outro poema arrolado, “Eden Bower”, é um soneto que narra a trajetória de Lilith, desde a sua fuga do Paraíso até o nascimento de Caim e Abel. Nesse poema, narra-se o lamento de Lilith por ter se arrependido em deixar Adão e o Paraíso. Assim, a primeira mulher teria convencido a serpente a emprestar-lhe sua forma, para que assim pudesse retornar ao Éden e realizar a sua vingança. Tendo sido bem-sucedida, oferece o fruto proibido à Eva, que, aceitando, permite a entrada do pecado ao Paraíso. Lilith, dessa forma, tem sua vingança concretizada e Rossetti a apresenta, mais uma vez, como uma mulher sedutora, porém perigosa.

A aparição de Lilith na obra de Borges e Rossetti se aproxima no que diz respeito à impossibilidade de uma classificação fechada e definitiva. Em ambos, vários termos são utilizados para defini-la, mas nenhum deles de forma definitiva. As suas “Liliths” se afirmam como um monstro segundo as teses de número dois e três, já que é mostrado, respectivamente, como Lilith sempre escapa e se afirma como um arauto da crise de categorias.

Em Rossetti, as teses de número quatro e cinco também se fizeram relevantes. Isso porque, constituindo uma afronta ao recato do período vitoriano, Lilith “mora nos portões da diferença” e “policia as fronteiras do possível”. Ela representa alteridade sexual e mostra, dessa forma, os limites no interior da sociedade em que foi criada, no contexto de Rossetti. Por representar esse papel da diferença sexual, Lilith, por vezes, é concebida como uma mulher sedutora, atraente e envolvente. Dessa forma, corresponde também à tese de número seis, segundo a qual o “medo do monstro é uma espécie de desejo”. Representando os desvios sexuais, alerta para o proibido mas, ao mesmo tempo, chama atenção para ele.

No conto “Lilith”,<sup>32</sup> de Primo Levi, dois personagens, Primo e Tischler, são prisioneiros em um campo de extermínio. Ambos estão se abrigando de uma forte chuva dentro de um cano,

---

<sup>32</sup> LEVI. *71 contos de Primo Levi*, p. 345.

quando, em certo momento, uma mulher se encaminha para o mesmo local. Um dos personagens, Tischler, afirma que ela seria Lilith e, a partir daí, se dedica a explicar para Primo a identidade dessa mulher. Tischler o faz por intermédio de quatro relatos, de natureza e origem diversas, apresentando, primeiramente, a origem de seu mito, baseando-se, para isso, na incongruência do relato do Gênesis, já citada neste trabalho. Então, o personagem explora possíveis facetas de Lilith. Parte do relato de que Adão, a princípio, teria sido criado juntamente à Lilith, ambos constituindo um mesmo corpo. Então, a descreve como devoradora de sêmen humano, quando este é proveniente de uma situação considerada inadequada, como o adultério. Neste caso, simboliza a utilização deturpada da sexualidade. Logo após, Tischler a classifica como possuidora de corpos masculinos quando os homens dormem sozinhos em suas casas, corporificando a ambiguidade de sedução e repulsão, já que a atração que ela exerce e o perigo representado por ela andam de mãos dadas. Finalmente, ela é descrita como amante do Criador e responsável, nesse caso, por todos os males do mundo, exercendo, assim, o clímax da sua monstruosidade e conseguindo, segundo esse relato, fazer sucumbir aos seus encantos até mesmo o Criador.

Ela aparece, nesse contexto, como um monstro segundo as teses de Cohen, já que sua aparição é dinâmica e simbólica. De acordo com cada abordagem desejada pelo autor, Lilith assumia uma diferente maquiagem, constituindo aquilo que se fazia relevante em cada um dos quatro relatos que compõem a narrativa. Ela tem, pois, um corpo cultural, sempre escapa, é impossível de ser classificada, demonstra diferença, limita até onde se pode ir, exerce ameaça juntamente à sedução, além de levantar questionamentos sobre a sociedade que a criou, atendendo a todas as teses de Cohen.

A seleção de obras que mencionam Lilith foi importante para o estabelecimento de um panorama de seu relato neste ensaio, já que o seu mito se desdobra em inúmeros campos do conhecimento. Além disso, foi válida a reflexão, a partir do mito da primeira mulher, do que seria um monstro e a monstruosidade, já que, desde os primórdios, o homem vem tentando desvendar questões que se relacionam a esse tema, sem ter alcançado uma resposta consensual.

Lilith aparece, assim, em diferentes narrativas e obras, constituindo-se como um monstro, uma ameaça, mas, também, uma afirmação da liberdade. As possibilidades interpretativas do mito de Lilith não se esgotaram neste ensaio, ao contrário, apontaram para um acervo quase infinito de Liliths que povoam o imaginário humano, nascendo e renascendo em cada tempo, para cada tempo.

#### ABSTRACT

Lilith has been analyzed according to Jeffrey Jerome Cohen's theory, both in the legendary scope and in artistic developments. The chosen material for this study belongs to the work of Jorge Luis Borges, Dante Gabriel Rossetti e Primo Levi,

besides texts from the Jewish tradition.

#### KEYWORDS

Lilith, Monstrosity, Judaism

#### REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205p.
- BALDOCK, John. *Mulheres na Bíblia*. Trad. Paulo Sérgio Gomes e Thaís Pereira Gomes. São Paulo: M. Books do Brasil, 2009.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. *Manual de zoología fantástica*. México: FCE, 1966.
- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Carmen Vera Cirne Lima; ilustrações de Jussara Gruber. São Paulo: Globo, 1989. 214 p.
- BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind *et al.* Brasília: Editora UnB; Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000. 939 p.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado; Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. 471 p.
- DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiros. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 105-140.
- DURAND, Gilbert. *La imaginación simbólica*. Trad. Marta Rojzman. Buenos Aires: Amorrortu, 1971. 147p.
- FARIA, Marcos Fábio. Behemot, Lilith e Anjos: três monstros judaicos em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, out. 2009. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/nej/maaravi/resenhaluciarassis-kabalah.html>>. Acesso em: 14 dez. 2010.
- GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir – monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 167-183.
- GONÇALO JUNIOR. *Enciclopédia dos monstros: o perfil das criaturas mais assustadoras de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008. 303 p.
- FOX, Robin Lane. *Bíblia: verdade e ficção*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 430p.
- JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidades na Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 185 p.
- JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei de Souza. *Da fabricação de monstros*. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2009. 197 p.

JUNIOR, Gonçalo. *Enciclopédia dos monstros: o perfil das criaturas mais assustadoras de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008. 303p.

KEARNEY, Richard. *Strangers, gods, and monsters: interpreting otherness*. London: Routledge, 2003. 294p.

KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1997.

LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. Trad. Mauricio Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NASCIMENTO, Lyslei de Souza. *Borges e outros rabinos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 219 p.

NASCIMENTO, Lyslei de Souza. Monstros no arquivo: esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 61-80

NAZARIO, Luiz. *Da natureza dos monstros*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 302p.

NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei de Souza. *Estudos judaicos: Brasil*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. 176 p.

PERRONE, Maria Paula M. S. Bueno. *A imaginação criadora: Jung e Bachelard*. São Paulo: Associação Junguiana do Brasil - AJB; Instituto de Psicologia da USP - IPUSP. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versoportugues/Coloquio/trabalhos.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

ROSSETTI, Dante Gabriel. *Obras variadas*. Disponível em: <<http://www.ocaiw.com/catalog/?lang=pt&catalog=pitt&author=618>>. Acesso em: 19 set. 2010.

ROSSETTI, Dante Gabriel. *Poems & translations, 1850-1870: together with the prose story "Hand and soul"*. London: Oxford University Press, 1913. 482p.

ROSSETTII, Dante Gabriel. *Lady Lilith*. Disponível em: <<http://www.rossettiarchive.org>>. Acesso em: 24 out. 2010.

ROSSETTI, Dante Gabriel; PÉLADAN, Joséphin; COUVE, Clemence. *La Maison de vie; Dante-Gabriel Rossetti: sonnets traduits littéralment et littérairement par Clemence Couve*. Paris: Alphonse Lemerre, 1887. 214p.

SHEFER, Elaine. A Rossetti portrait: variation on a theme. *Arts in Virginia*, v. 27, p. 2-15, 1987.

SPERLING, Harry; SIMON, Maurice; LEVERTOFF, Paul P. *The Zohar*. London: The Soncino Press, 1931-34. 5 v.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. 191p.

Site consultado

<<http://www.rossettiarchive.org>>